

O papel da Legião Estrangeira para a manutenção dos interesses da França no Mali

Lucas Palazzo¹

Apresentação

O artigo tem como objetivo mostrar de que forma se iniciou e se desenvolveu o conflito, iniciado em março de 2012, na República do Mali e também caracterizá-lo dentro das suas especificidades. Após isso, será feita uma análise da intervenção da França dentro do conflito, e alguns interesses para esse país dentro de sua atual conjuntura de crise econômica, e também como país membro da OTAN.

Dentro do contexto da intervenção francesa, será feita uma breve introdução sobre a Legião Estrangeira da França e uma análise do seu papel dentro da tipologia do conflito em que está se inserindo.

Introdução

O Conflito separatista no Mali é mais um entre outros sete que estão em curso atualmente na África. O continente, vítima do imperialismo europeu entre os séculos XIX e XX, evidencia essa fragilidade social e institucional de ter sido instantaneamente redividido, com etnias, religiões e povos divergentes fazendo parte de um mesmo território estatal.

No Mali, a revolta ganhou atenção da mídia internacional por se tratar de grupos extremistas islâmicos ligados a Al-Qaeda, e também de militantes tuaregues que lutaram ao lado de Muammar al-Gadafi na Guerra Civil da Líbia, em 2011.

O país africano ganhou mais destaque ainda após os revoltosos se aproveitarem da fragilidade do país diante de um Golpe de Estado feito por rebeldes militares insatisfeitos com posições do governo, e tomarem o poder de praticamente todo o norte do país.

Após o pedido do próprio presidente do Mali, Dioncounda Traoré, a França concordou em enviar tropas militares, inclusive da Legião Estrangeira, e ajudar a combater os fundamentalistas. Mesmo com o aval da ONU, a intervenção francesa em uma antiga colônia fez com que debates sobre neo-colonialismo voltassem a ser discutidos e os reais interesses da França questionados. O termo *Françafrique* está novamente inserido nos principais veículos globais de comunicação.

Da contextualização do conflito

A República do Mali é um país da África Ocidental de aproximadamente 12 milhões de habitantes. Sem saída para o mar, faz fronteira com a Argélia pelo norte, com o Níger ao leste, Mauritânia e Senegal pelo oeste e com três países pelo sul: Burkina Faso, Guiné e Costa do Marfim.

Por ser rico em recursos naturais, como Urânio, Ouro e Petróleo, foi conquistada e ocupada pela França, desde 1898, até a sua independência, em 1960. Como a maioria dos países que foram ocupados por países europeus na África, Mali, desde a sua independência, apresentou uma economia muito frágil e alta instabilidade política.

A história do país é marcada por revoltas e golpes de estado. Logo após a independência, em 1968, um golpe militar colocou Moussa Traoré na presidência, cargo que o mesmo ocupou até um novo golpe de estado, em 1991. Após uma nova Constituição feita e

a restauração da democracia, Mali iniciou o século XXI como um dos países mais estáveis do continente africano, liderado pelo presidente Touré.

A menos de um mês para as eleições presidenciais do Mali em 2012, militares rebeldes e insatisfeitos com a posição do governo frente ao constante conflito dos insurgentes Tuaregues no norte do país invadem a capital Bamako e o palácio presidencial, afirmando que haviam derrubado o regime de Touré. A Constituição do país ficou suspensa até o dia primeiro de abril e, uma semana depois, o Presidente declarou formalmente que havia renunciado ao cargo.

A situação de instabilidade e vácuo de poder é aproveitada pelos integrantes do Movimento Nacional de Libertação do Azawad² (MNLA) e por grupos fundamentalistas islâmicos, como o Ansar Dine, que é ligado à rede terrorista Al-Qaeda, e ao Movimento pela Unidade e Jihad da África Ocidental (MUJAO). Esses militantes, vários deles treinados e com experiência militar na Guerra Civil da Líbia pelo exército de Gadafi, se unem aos extremistas islâmicos tomam as principais cidades do norte do Mali como Kidal, Gao.

Após a batalha de Gao, os ex-aliados acabam entrando em conflito, que é ganho pelos grupos islâmicos que reivindicam todo o território do Azawad. Após a tomada de Tumbuktu, todo o território do norte do Mali é tomado e, em sete de abril, os islâmicos declararam a independência de Azawad.

Como o Ansar Dine e o MUJAO não pararam os combates e continuam a avançar, inclusive ocupando cidades do sul muito próximas a capital Bamako, o exército malinês se viu obrigado a pedir apoio internacional e retomar o controle de seu território. Até o MNLA abiu mão de seus planos de autonomia do Azawad e atualmente se encontram discutindo termos de paz com o governo do país.

1. Da caracterização do conflito.
 - 1.1. Dos atores do conflito.

Para um melhor entendimento da guerra que está em curso no Mali, seus atores precisam ser explicitados e caracterizados, pois somente dessa forma pode-se enquadrar o conflito em algum conceito de guerra propriamente bem definido, o que é fundamental para a compreensão do papel que cada ator do ponto de vista estratégico, e também para traçar perspectivas do desenrolar do confronto.

O primeiro ator da guerra a ser analisado é o grupo dos Tuaregues. É um povo berbere³ historicamente nômade, que ocupa o Azawad no norte do Mali, e também parte da Argélia, Chade, e outros países do norte africano. São muçulmanos, mas não árabes, possuem um idioma próprio e não respondem a nenhum Estado. Criaram o MNLA para reivindicar o território que eles habitam, mas que foi dividido pelos europeus em diferentes territórios nacionais.

Outro ator do conflito é o grupo islâmico Ansar Dine, liderado por Iyad Ag Ghaly. O grupo é acusado de manter laços com a Al Qaeda do magreb islâmico. Na tradução, o nome do grupo significa "Defensores da Fé". Diferente do MNLA, o Ansar Dine não visa à independência de nenhum território do Mali; seu objetivo é unicamente impor a Lei Islâmica da Sharia⁴ em todo o território do Mali.

O MUJAO, que também é um grupo islâmico, é considerado como uma organização terrorista por países como EUA e Reino Unido. A organização aproveitou o momento de instabilidade do país para realizar ataques e tomar cidades importantes. Seu objetivo principal é disseminar a Jihad⁵ na África ocidental, mas pode ser que a riqueza de recursos como o petróleo também seja um dos interesses do MUJAO na região, devido a sua importância econômica para todo o mundo.

² Região localizada no deserto do Saara.

³ Deriva do latim *barbarus*. É o termo usado para denominar povos habitantes do norte da África.

⁴ Conjunto de Leis Islâmicas compreendido pelo Alcorão.

⁵ De acordo com a mais aceita das interpretações, Jihad significa o esforço dos islâmicos em propagar a sua religião.

¹ Graduando em Defesa e Gestão Estratégica Internacional - COPPEAD/IESC/NEI - UFRJ

Por fim, o último agente participante do conflito é o próprio governo do Mali e o seu exército. Vítima de um golpe de estado, o governo se viu frágil e facilmente dominado após os ataques no norte do país. Após o reestabelecimento do Estado, o exército do país, com a ajuda da comunidade internacional, tenta combater os separatistas e fundamentalistas para retomar a soberania do seu território nacional.

2.2 Da tipologia do conflito.

Após todos os atores do conflito devidamente identificados, podemos enquadrar devidamente a guerra no Mali dentro de uma ou mais tipologias de guerra dentre as mais conhecidas.

Provavelmente, o conceito de guerra mais conhecido e aplicado seja o de Carl Von Clausewitz em sua obra "Da guerra", que trata da Guerra convencional. Entretanto, em se tratando da guerra em questão, esse conceito não é aplicável. "A guerra é simplesmente a continuação das políticas por outros meios"⁶. É uma das máximas da obra de Clausewitz, e, além de enfatizar o caráter político da guerra, também complementa que "a guerra não pode ser dissociada da vida política"⁷.

Além do elemento político, outros pontos fazem com que a visão de guerra de Clausewitz não seja apropriada para descrever o que está acontecendo no Mali. A guerra sendo lutada somente entre nações e seus respectivos exércitos também é uma questão central em "Da guerra". Segundo o autor

"Toda a atividade militar deve estar, portanto, direta ou indiretamente relacionada com o engajamento. O fim para o qual um soldado é recrutado, vestido, armado e adestrado, todo motivo dele dormir, comer, beber e marchar é simplesmente que ele possa lutar no lugar certo e no momento certo."⁸

O que está sendo evidenciado no Mali não são exércitos estatais divergindo entre si no âmbito político por meio do conflito armado. Só existe um exército estatal nesse conflito, que é o da própria República do Mali. Os outros atores que estão combatendo no Mali não são estados, e sim grupos não estatais que lutam por objetivos religiosos e étnicos.

O que se vê no norte da África atualmente são grupos divergentes com objetivos de caráter divergente e ainda um estado tentando recuperar sua soberania nacional, em combates que não são bem definidos e podem ocorrer em meios urbanos e de forma irregular. Essa irregularidade nos confrontos enquadra o conflito no Mali em um primeiro conceito: Guerra Irregular. Esse conceito também pode ser substituído por Guerra Assimétrica.

O conceito de assimetria nos submete à discrepância entre dois ou mais objetos analisados. No caso da Guerra no Mali, a assimetria é perfeitamente encontrada entre os atores envolvidos no conflito, seja na forma de organização, nos objetivos ou no modo de se comportar. Para Mary Kaldor, esse novo tipo de guerra está associado à globalização.

"Kaldor concebe a globalização não como causa, mas como um contexto fundamental para se compreender a manifestação dos novos tipos de organização da violência, voltando sua atenção para o impacto da intensificação das interconexões globais sobre o futuro do Estado moderno baseado em uma soberania defendida territorialmente e, em particular, para os efeitos de tal processo sobre o declínio do monopólio do uso legítimo da força pelo Estado."⁹

2. Da intervenção francesa e seus interesses

Após perder o controle de todo o norte do país e ver os rebeldes avançando em direção a capital, o Presidente interino do Mali se viu obrigado a pedir ajuda à comunidade internacional.

Apoiada pelos EUA e também pela ONU, a França ordenou no início de 2013 o envio de 750 militares para lutar ao lado do exército do Mali contra o avanço dos rebeldes. Estima-se que o número de soldados chegue a 2.500 em pouco tempo. As tropas francesas já iniciaram, no dia 11 de janeiro, o combate contra os insurgentes e ajudaram a retomar o controle de algumas cidades importantes do país, como Timbuktu e Gao.

Nesse contexto de guerra, a "ajuda humanitária" no Mali já rendeu a François Hollande o prêmio pela paz Félix Houphouët Boigny, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por sua valiosa contribuição para a paz e a estabilidade na África, segundo indica o site da ONU.¹⁰ Uma pesquisa da BVA também apontou que a aceitação de Hollande - que andava no tanto quanto impopular - aumentou quatro pontos percentuais desde o início da ação francesa no Mali.¹¹

Apesar de todo esse discurso humanitário, os interesses da França são bem claros em relação ao país africano. Nenhum outro interesse senão o próprio faria um país que enfrenta uma crise econômica gastar 70 milhões de euros (até o presente momento) para enviar tropas a outro continente, em um conflito onde não existe nenhuma aspiração política por parte dos europeus.

Além de haver sem sombra de dúvida um medo constante de que grupos ligados a Al-Qaeda tomem o controle de regiões tão ricas em urânio, os interesses econômicos da França no Mali são fundamentais em diversos setores estratégicos para a frágil economia do país.

"As empresas francesas estão muito bem posicionadas em setores importantes da economia malinense. A título de exemplo: a companhia Orange controla o setor da telefonia; a Dagrís conta com uma posição privilegiada depois da privatização do monopólio estatal da Companhia Mali para o Desenvolvimento Têxtil; a Bouygues domina o setor elétrico e uma parte importante da mineração do ouro (o Mali é o terceiro produtor de ouro da África).

Já a gigante Areva, estatal na produção de urânio, tem os direitos de exploração de duas grandes bacias no norte do Níger - vizinho do Mali -, de onde extrai 30% do urânio consumido na França (70% da eletricidade provem desta fonte). Por obra do acaso, recentes estudos indicam que o Mali também dispõe de muito urânio em seu subsolo. Além de tudo isto, o Mali se encontra numa zona geoestratégica fundamental, servindo de corredor entre Níger e Argélia e sua situação entre a o Norte da África e a África subsaariana e entre o Golfo da Guiné e o Golfo de Aden, portanto numa situação invejável. Assim, para os interesses ocidentais o Mali não é um simples país pobre."¹²

Por serem aliados históricos da França e também membros da OTAN, é evidente que interesses norte-americanos também estivessem envolvidos. Os EUA recentemente anunciaram a instalação de uma base de Drones¹³ no Níger, país vizinho ao Mali. O avanço de fundamentalistas para fora das fronteiras do Mali seria uma ameaça direta a um importante fator estratégico para as Forças Armadas dos EUA. Mesmo alegando ser a favor da "guerra ao terror", termo criado pelo próprio Estados Unidos, fica explícito que o apoio à França também envolve objetivos militares na região.

⁶ CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra, Ed e trad por Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, p. 99. Em <http://pt.scribd.com/doc/98653497/Da-Guerra> acessado em 24/02/2013.

⁷ Ibid, p. 99.

⁸ Ibid, p. 101

⁹ LOPES, Liana. *New and old wars - organized violence in a global era*, Contexto int. vol. 24 no. 2 Rio de Janeiro Jul/Dez. 2002. Em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200006&script=sci_arttext Acessado entre os dias 15/02/2013 e 25/02/2013

¹⁰ Segundo <http://www.onu.org.br/unesco-concede-premio-de-paz-ao-presidente-da-franca/> Acessado em 22/02/2013

¹¹ Retirado do site <http://www.businessweek.com/news/2013-01-29/hollande-popularity-gains-after-mali-intervention-poll-shows>. Acessado entre os dias 15/02/2013 e 25/02/2013.

¹² Análise Internacional do Jornal "O Povo", feita por João Bosco Monte, Pós Doutor em Relações internacionais, disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/mundo/2013/02/09/noticiasjornalmundo,3003615/por-que-o-interesse-da-franca-pelo-mali.shtml>. Acessado em 26/02/2013.

¹³ Sigla em inglês para "Veículo Aéreo Não Tripulado".

Fica claro, após os argumentos feitos, que o interesse principal do governo francês é o de garantir a manutenção de suas posições estratégicas. Esse ponto de vista evidencia que “a relação da França com as suas neo-colônias – como a de todo o imperialismo – não é outra que a do saqueador de recursos”¹⁴

3. Do papel da Legião Estrangeira

A intervenção francesa teve início, de fato, após pedido do governo do Mali. O número inicial era de 500 soldados franceses, porém agora essa quantidade já chega a alguns milhares. Em uma época de fragilidade econômica, um orçamento inesperado de dois milhões de euros diários certamente não favorece à reconstrução financeira da França.

Historicamente, é evidenciada a dificuldade de grandes potências em guerras assimétricas, vide Vietnã e a mais atual guerra ao terror. Os EUA continuam com tropas no Iraque e os gastos já chegam a um trilhão de dólares. No Mali, a guerra também é contra extremistas islâmicos não-uniformizados e com apelo religioso, além de mercenários tuaregues armados após o conflito na Líbia. Portanto, pode ser que a guerra em curso no norte da África dure mais tempo do que o planejado pela França e também que o contingente francês tenha que ser expandido.

É nesse contexto que se insere a Legião Estrangeira da França. Criada pelo então Rei Luís Felipe, em 1831, para atuar na dominação das colônias africanas como a Argélia, que é vizinha ao Mali, a Legião já foi composta de mendigos, ladrões, fugitivos e imigrantes e combateu nas duas grandes Guerras Mundiais, na Guerra do Golfo e até contra rebeldes Tuaregues no início do século XX.

Após uma série de conflitos internos e desistências, a Legião foi redesenhada e se encontra nos seguintes moldes: são aceitas pessoas de qualquer nacionalidade, porém o histórico de cada uma é avaliado antes que o contrato inicial de cinco anos seja realizado. O alistamento só pode ser feito na França, e após os cinco anos de contrato, se tem a opção de renová-lo e até requerer cidadania francesa. A Legião tem bandeira e código de honra próprios da instituição.

Muitos se alistam por fazer parte de algum exército nacional mas não ter expectativas de combates para atuar, outros se integram à Legião pela oportunidade financeira, sendo chamados muitas vezes de mercenários¹⁵ modernos, e outros tantos estão interessados na cidadania francesa-europeia.

O que se constata é a profissionalização da Legião Estrangeira, o que, atualmente, significa um relevante aumento de contingente militar francês. Esse contingente terá papel fundamental para o conflito do Mali, já que o aumento das tropas em solo africano, provavelmente, se fará necessário. Além disso, o governo francês tem a vantagem de não precisar arcar com altos custos de treinamento, já que a maioria dos soldados da Legião já participou de algum tipo de exército militar.

Outro ponto importante é que, por ser composta de integrantes de várias nacionalidades, a Legião Estrangeira pode ser beneficiada com soldados que estejam acostumados com conflitos assimétricos. Por não terem em sua maioria nacionalidade francesa, mas mesmo assim terem vínculo com o Estado francês, os soldados da Legião são os que geralmente atuam em missões mais arriscadas e onde o conflito é mais intenso.

4. Considerações finais

Verifica-se uma dificuldade em se traçar projeções a cerca da Guerra do Mali, já que o conflito ainda se encontra em uma fase inicial. Entretanto, algumas considerações podem ser feitas em relação à conjuntura em que se insere o país norte-africano. A tendência conflituosa do continente africano é a primeira delas. A fragilidade econômica deixada pelo imperialismo europeu, acrescida de uma grande diversidade étnica e uma abundância de recursos naturais importantes, faz do continente africano o mais instável e conflituoso do período atual

Outro ponto de grande relevância evidenciado durante o artigo é a importância desse território para a França. O governo de François Hollande não abrirá mão de garantir seus interesses estratégicos no Mali, mesmo que isso signifique ter que aumentar o contingente e, conseqüentemente, os gastos militares. Para tal objetivo, a sua Legião Estrangeira terá papel fundamental em garantir posições favoráveis dentro do desenrolar dessa Guerra Assimétrica. ☹

Referências bibliográficas

COSTA, Darc. “Visualizações da Guerra Assimétrica” Disponível em <http://www.esg.br/uploads/2009/03/darc7.pdf> Acessado em 26/02/2013

MONTE, João. <http://www.opovo.com.br/app/opovo/mundo/2013/02/09/noticiasjornalmundo,3003615/por-que-o-interesse-da-franca-pelo-mali.shtml> Acessado em 27/02/2013

SCHUURMAN, Bart. Clausewitz e os estudiosos da “Nova Guerra”, 2010. Disponível em http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20111031_art009POR.pdf Acessado em 27/02/2013

<http://www.onu.org.br/unesco-concede-premio-de-paz-ao-presidente-da-franca/> Acessado em 27/02/2013

<http://www.onu.org.br/mali/> Acessado em 27/02/2013

JANSEN, Hans <http://frontpagemag.com/2012/dr-hans-jansen/what-is-sharia/> Acessado em 27/02/2013

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130115_mail_quemequem_bg.shtml Acessado em 26/02/2013

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130116_mali_franca_bg.shtml Acessado em 27/02/2013

<http://www.forte.jor.br/2013/02/18/guerra-no-mali-evidencia-questoes-do-novo-imperialismo-diz-historiador/> Acessado em 26/02/2013

<http://www.legion-recrute.com/pt/code.php?SM=0> Acessado em 28/02/2013

<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2013/01/franca-enfrenta-no-mali-uma-guerra-ao-fundamentalismo-islamico.html> Acessado em 27/02/2013

<http://www.cnn.com/2013/01/29/us/niger> Acessado em 28/02/2013

<http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-17582909> Acessado em 27/02/2013

<http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-21014206> Acessado em 27/02/2013

<http://mondediplo.com/2013/01/04mali> Acessado em 28/02/2013

¹⁴ Retirado do site <http://contrapoder.info/o-urano-do-azawad-uma-analise-urgente-da-intervencao-militar-francesa/>. Acessado em 25/02/2013.

¹⁵ Do latim *mercenariu*, significa aquele que trabalha por pagamento.